

Análise de Construção de Sentido em Redes Digitais: a política das diferenças no caso da Rede Ninja de Opinião¹

Maria Clara Aquino Bittencourt²

Christian Gonzatti³

Anderson Guerreiro⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: O artigo analisa um caso específico dentro de um projeto de pesquisa que investiga a produção e a circulação de conteúdos jornalísticos por coletivos midiáticos brasileiros desde agosto de 2015. O mapeamento dos coletivos indica que questões de gênero, raça e sexualidade recebem destaque em alguns dos grupos analisados. Desde março de 2017, o coletivo Mídia Ninja vem constituindo a *Rede Ninja de Opinião*. Aqui analisamos a formação desta rede através do método de análise de construção de sentidos em redes digitais, através de três colunas publicadas no site e na fanpage do coletivo no Facebook, para identificar os sentidos acionados e mostrar como o coletivo estimulou a produção de sentido pelas redes digitais.

Palavras-chave: jornalismo digital; análise de construção de sentido; Rede Ninja de Opinião; coletivos midiáticos; sites de redes sociais

Introdução

No Brasil, o fortalecimento do que chamamos de coletivos midiáticos vem acontecendo a partir dos protestos de junho de 2013. Amparados em estratégias de cobertura midiática voltadas para a produção e a circulação de conteúdos sobre atos e mobilizações que acontecem nas ruas, grupos desvinculados da mídia de massa⁵ utilizam diferentes ferramentas de comunicação digital para colocar em circulação conteúdos que são pouco, ou quase nada, noticiados por veículos jornalísticos de maior visibilidade no cenário midiático nacional. Partimos da perspectiva de que a midiaticização do ativismo atrelada às noções de convergência e espalhamento (AQUINO BITTENCOURT, 2015) nos permite articular análises sobre as atividades de cobertura empreendidas por esses grupos, e é através desse mecanismo básico de investigação que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XL Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS E-mail: jaquino@unisinobr

³ Publicitário e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS E-mail: christiangonzatti@gmail.com

⁴ Graduando de Jornalismo e bolsista de iniciação científica PIBIT/CNPq UNISINOS E-mail: 001guerreiro@gmail.com

⁵ Trabalhamos com a noção de mídia de massa a partir de características de um modelo baseado na detenção do poder sobre os meios, que fortalece a concentração dos mecanismos de produção e a unilateralidade da distribuição (BELTRÃO, 1972; DIZARD JR., 2000).

atuamos dentro de um projeto de pesquisa que estuda a atividade coletivos midiáticos desde agosto de 2015.

Desde então, construímos um mapeamento de coletivos brasileiros que vêm se sobressaindo no cenário de cobertura jornalística sobre questões políticas do país, tendo no meio desta trajetória percebido a atenção que questões de gênero, raça e sexualidade recebem em alguns dos grupos analisados. Desde março de 2017, o coletivo Mídia Ninja, que se destaca nas análises realizadas pelo grupo envolvido no projeto, diante da representatividade atingida⁶, vem anunciando uma série de colunistas. Chamada de *Rede Ninja de Opinião*, a leva de escritores é bem ampla, formada por pessoas de características bastante diversas. São figuras públicas que transitam por diferentes setores da sociedade, mas que, de modo geral, defendem posicionamentos de esquerda e relacionados aos direitos humanos. Alguns possuem filiação partidária e até exercem mandatos eletivos, outros apenas declaram afinidades políticas-ideológicas. Alguns são jornalistas, outros celebridades, entre diversas características que vão compondo uma extensa lista que vem sendo apresentada nas mídias digitais do coletivo.

Este artigo tem como principal objetivo analisar o movimento de criação da *Rede Ninja de Opinião*, dentro do conjunto de estudos já em andamento sobre os processos de produção e circulação de conteúdos midiáticos sobre a conjuntura política do Brasil. Através do método de análise de construção de sentidos em redes digitais, desenvolvido em pesquisas do LIC, Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (HENN, 2014), avaliamos três colunas publicadas no site para identificar os sentidos acionados no site e no Facebook do coletivo. Com este processo, pretendemos mostrar como o Mídia Ninja estimulou a produção de sentido através das colunas publicadas no site e compartilhadas na *fanpage*.

1. Produção e circulação de conteúdos por coletivos midiáticos

Pela premissa de midiatização do ativismo que embasa nossas investigações, entendemos que mais do que pensar sobre os modos de organização de protestos e mobilizações que se articulam através das redes digitais, o que aciona nossos questionamentos são as formas pelas quais se desenrolam as ações que reportam as atividades dos movimentos em rede. Gohn (2010, 2014) nos fornece a sustentação teórica que garante o avanço nessa discussão, que reforça o olhar para o instrumento

⁶ No dia 19 de junho os números do Mídia Ninja são: 1.556.214 likes na fanpage do Facebook; 266 mil seguidores no Twitter; 149 mil seguidores no Instagram e 12.141 inscritos no canal do Youtube.

comunicacional não apenas como ferramenta organizacional, mas como aparato que assegura a função do dispositivo de comunicação como um elemento informativo no cotidiano dos movimentos.

A noção de mediação é semeada já nos alicerces do projeto para tratar de algo que não é recente, mas que é potencializado pela digitalização de processos de produção e circulação de conteúdos. Braga (2012) nos auxilia através de argumentações sobre o atravessamento dos campos sociais específicos que gera situações indeterminadas e experimentações correlatas. Fausto Neto (2008) relata a disseminação de novos protocolos técnicos na extensão da organização social, a intensificação de processos que transformam tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. A noção de mediação do autor se baseia na ideia de apropriação, que provoca a intensificação de tecnologias convertidas em meio. Essa conversão é cadenciada por apropriações sociais, de modo que a mediação é a atividade que ultrapassa o domínio dos meios em si, expandindo-se ao longo da organização social, conferindo-lhe uma nova dinâmica. Questões fundamentais sobre a interferência dos meios na cultura e na sociedade decorrem da mediação, que Hjarvard (2014) trabalha a partir do entendimento de que a influência da mídia acontece não só sobre as sequências comunicativas entre os atores sociais e as mensagens, mas também na relação entre os meios e outras esferas sociais.

No contexto dos movimentos em rede (CASTELLS, 2012) e das coberturas realizadas pelo Mídia Ninja em concomitância ao que é produzido pelos veículos de massa, a reflexão que o projeto tem promovido sobre esses processos de produção e circulação de conteúdos midiáticos por essa pluralidade de atores revela uma multiplicidade de sentidos que, no caso da Rede Ninja de Opinião se mostra um exemplo relevante a ser observado e investigado para que se compreenda como o grupo busca promover, além da circulação de opinião sobre diversos temas nas redes, a circulação de sentidos através do aproveitamento das características do ambiente online. Os conceitos de espalhamento (JENKINS, GREEN & FORD, 2013) e convergência (AQUINO BITTENCOURT, 2017*) também norteadores do projeto, se encaixam na condução desta observação, pois mesclam os objetivos de propagação que o coletivo visa ao publicar os conteúdos das colunas no site e nas mídias sociais, ao mesmo tempo em que colocam em discussão a forma como o Mídia Ninja seleciona e organiza a publicação dos conteúdos através dos espaços midiáticos que utiliza, gerando reflexões

sobre questões que vão além das possibilidades técnicas exploradas através do uso das plataformas e ferramentas digitais. A produção e a circulação que o coletivo promove através dessas apropriações geram desdobramentos sociais e culturais que podem ser averiguados através do formato dos conteúdos e através dos sentidos que se originam a partir da publicação desses formatos. Em análises anteriores observou-se os níveis narrativo, estratégico e técnico desses processos (AQUINO BITTENCOURT E GONZATTI, 2017). Desta vez o objetivo é perceber o acionamento de sentidos em torno dessa carga de conteúdo opinativa que vem sendo gerada pela rede de colunistas do coletivo. Coelho (2017), ao analisar como os jornais lidam com os comentários dos leitores, destaca como, com a internet, novos modos de relacionamento são gerados, tanto em termos interpessoais quando entre os diferentes campos sociais, o que nos é útil para pensar o quanto esse atravessamento entre campos pode estimular a produção de sentidos por atores que circulam por diferentes espaços acionados pelos coletivos. Resta-nos avaliar se a narrativa construída nas colunas gera uma semiodiversidade (HENN, 2014) que condiz com o ideal de democracia que coletivos como esse esperam de um meio como a web, e que almejam através do uso de ferramentas de comunicação digital, na tentativa de construir uma narrativa diversa ou um fluxo informativo que, se não contraponha ou subverta, ao menos gere visibilidade para pautas não abordadas pela mídia de massa.

2. Dos sentidos inaugurados pelas colunas do Mídia Ninja

O Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação é o coletivo midiático que mais rende análises dentro do grupo que compõe o projeto em andamento. Em atividade antes mesmo dos protestos de junho de 2013, o coletivo aciona uma série de questões que envolvem a produção e a circulação de conteúdos pelas redes digitais, e para o jornalismo acaba se tornando um objeto que abre diversas vertentes de investigação. Neste artigo, como já dito, nosso foco é analisar a produção de sentido que provoca através das colunas que disponibiliza em dois espaços na rede.

Henn (2014) propõe, a partir de revisão de teorias do acontecimento, o conceito de ciberacontecimento para entender, tendo como lente epistêmica a semiótica, os processos em sites de redes sociais que reconfiguram o jornalismo. Compreendendo as territorialidades digitais como espaços profícuos para a ação, geração e propagação de signos, o que é denominado por Peirce (2002) como semiose, é possível visualizar

dinâmicas que inauguram acontecimentos tramados na cultura digital. Em Lotman (1996), Henn busca a noção de semiosfera para apontar a forma como os signos constituem o nosso mundo simbólico e geram a cultura, sinalizando diferentes sentidos que emergem dos objetos. Os ciberacontecimentos, assim, emergem da intensidade semiótica dos sites de redes sociais. Em relação ao jornalismo, Henn e Oliveira (2015) falam da emergência de uma crise sistêmica que reconfigura os lócus das semioses: antes um objeto-acontecimento era interpretado pelo jornalismo e levava a emergência da notícia-signo, agora o signo se desprende da notícia dada a forma como os acontecimentos podem ser reverberados por interpretações dos mais diferentes públicos. As micronexões que integram essas processualidades, seja no Twitter, Facebook ou Instagram, podem ser visualizadas como rastros semióticos que detalham os sentidos que emergem, e levam a emergência, de um ciberacontecimento. E é a esse detalhamento que se dedica a análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2014).

Aqui, nosso foco não recai em compreender as semioses que acionam - e são acionadas por - ciberacontecimentos, mas na utilização da análise de construção de sentidos em redes digitais para perceber quais os sentidos que são inaugurados em torno das novas colunas do Mídia Ninja. Entendemos, portanto, que cada publicação do coletivo midiático dispara processos semióticos que podem ser analisados a partir do já citado método. Tendo como pressupostos três movimentos - o de mapeamento e identificação, o de agrupamento de núcleos de sentidos e o de inferências - desenvolvemos, primeiro, a análise em torno das/dos colunistas. Observamos a emergência de novas colunas no site do coletivo e, a partir da identificação da pessoa responsável pelo espaço, desenvolvemos categorias que correspondem as temáticas nas quais cada um dos colunistas se encaixa. Chegamos, assim, a quatro agrupamentos de núcleos de sentidos: políticas das diferenças, multiculturalidades, cidadania comunicativa e direitos humanos. No quadro 1, é possível visualizar quem são as pessoas mapeadas e em qual núcleo nós a encaixamos.

Quadro 1 – Categorias de colonistas

Categoria	Colonistas
Políticas das diferenças	Monique Prada; Sâmia Bonfim; Amara Moira; Jean Wyllys; Jandira Feghali; Antonia Pellegrino; Nataly Nery; Nilma Lino Gomes; Marta Dillon; Carina Vitral; Luiza Coppieters; Gustavo Bonfligioni; Isa Penna; Indianara Siqueira; Marielle Franco; Victoria Verrastro; Dríade Aguiar, Vitor Cadillac, Manoela Miklos, Camila Lanes, Laio Rocha.
Multiculturalidades	Sonia Guajajara; Mãe Beth de Oxum; Daniel Zen; Bairro Ribeiro; Luiz Henrique Eloy.
Cidadania comunicativa	Juca Ferreira; Israel do Vale; Raul Santiago; Fernando Grostein; Jefferson Monteiro; Vinicius Lima; Janara Lopes; Bruno Ramos; Ivana Bentes; Cláudio Prado; Larissa Sampaio; Marielle Ramires; Pablo Capilé; Fabio Malini; Maru Whately; Pedro Inoue; Omulu; Bernardo Boechat; Renata Mielli; Jéferson Assunção; Antonio Martins; Ricardo Targino; Miguel Jost; Fabrício Nobre; Maria Claudia Rossel; Claudia Schulz, Juan Espinoza; João Brant; Alfredo Manevy; Amaru Villanueva Rance.
Direitos humanos	Guilherme Boulos; Pastor Ariovaldo Ramos; Orlando Zaccane; Tico Santa Cruz; Célio Viana; Lindberh Farias; Marcelo Freixo; Ana Julia; Ericka Gavinho; Liana Cirne Lins; Thiago Pará; William Filho; André Zanardo; Lorena Freitez; Margarida Salomão; Beatriz Cerqueira; Joaquim Melo; Manuela Canelas; Clarice Calixto.

Fonte: elaborado pela autora e pelos autores.

Desdobramos agora, resumidamente, quais são os sentidos inferidos para cada um dos núcleos – o que foi feito a partir da leitura da biografia de cada pessoa.

- **Políticas das diferenças:** Miskolci (2015) propõe que a nossa complexidade cultural, social, econômica e política seja compreendida a partir das marcas das diferenças – que podem ser de gênero, raça, sexualidade e classe, por exemplo. A partir delas, são delineados corpos que pesam e que não pesam na forma como a sociedade irá lê-los, tornando-os abjetos ou a norma. Nesse núcleo de sentido, estão integrados autoras e autores que se desdobram sobre essas temáticas.

- **Multiculturalidades:** temas relacionados aos direitos culturais colocadas à margem, sejam eles indígenas ou de religiões de matrizes africanas, por exemplo. A multiculturalidade (HALL, 2009) pressupõe o respeito e a convivência entre diferentes culturas, não desacreditando os conflitos que emergem desse processo – o que é se difere do multiculturalismo, que, muitas vezes, torna-se panfletagem de uma diversidade que mantém hierarquias e mascara problemáticas em torno da cultura.

- **Cidadania comunicativa:** nesse núcleo, delinea-se o caminho para a abordagem de questões mediáticas que fazem pensar em uma cidadania comunicativa (LACERDA et. al 2014). Há uma sinalização de possíveis críticas aos lugares de fala comunicacionais,

que partem, dada forma como os meios de comunicação na América Latina estão centralizados a partir de relações de poder em determinadas “mãos”, de um posicionamento tradicional de, por exemplo, centro-periferia e se pautam pela autoridade e hegemonia.

-Direitos humanos: abordam as condições através das quais os direitos humanos (SANTOS, 1997) podem ser colocados a serviço de uma política emancipatória, abordando questões de moradia e violência policial, por exemplo.

Entendemos que todos os núcleos de sentidos que emergem das colunas estão interseccionalizados – na medida em que se desdobrar sobre as marcas das diferenças que são tornadas desiguais é, também, uma questão multicultural e de direitos humanos. No entanto, as pessoas citadas em cada um dos núcleos abordam de maneira mais aproximativa determinadas questões. Visando entender os sentidos inaugurados pela reverberação de conteúdos de cada uma das categorias no site no Facebook, passamos para uma segunda aplicação da análise de construção de sentidos em redes sociais. Analisando os comentários das colunas publicadas até o dia 27 de abril, percebemos que as que se enquadram, segundo nossa classificação, na categoria de “Políticas das Diferenças” obtinham mais interação do público. A categoria de multiculturalidades praticamente não gerou nenhum movimento de interação, tanto no site quanto no Facebook. Procuramos, então, identificar as três colunas que tivessem esse processo de semiose mais intenso, o que permite uma análise de produção de sentido mais ampla. No dia 17 de abril, selecionamos uma coluna de Amaira Moira e uma de Monique Prada e no dia 27, de Jean Wyllys. Pela limitação de espaço deste artigo, optamos por analisar essas três colunas tinham, até aquela data, o maior número de comentários no Facebook, de maneira direta ou acionadas através dos processos conversacionais.

O texto de Amara Moira, travesti, feminista, trabalhadora sexual, autora do livro *E se eu fosse puta*, com o título *Feminismo radical e o papel do homem*⁷, aborda caminhos possíveis na relação do feminismo radical com a causa trans, já que muitas das mulheres pertencentes a vertentes radicais apresentam posicionamentos transfóbicos, que não enxergam a transexualidade como algo passível de compreensão: para elas, só é mulher quem nasceu com uma vagina, assim como só é homem quem nasceu com um pênis. A publicação no Facebook obteve 270 curtidas, 22 compartilhamentos e 30 comentários, segundo a coleta do dia 17 de abril. No site do

⁷ <http://midianinja.org/amaramoira/feminismo-radical-e-o-papel-do-homem/>. Acesso: 22 mai. 2017.

coletivo, houve cinco comentários. É importante destacar que cada comentário pode acionar respostas que integram o processo semiótico disparado pela matéria. Notamos, assim, a emergência de quatro constelações de sentidos acionadas: Feminismos/Gênero, Disputas Conversacionais, Elogios/Críticas e Preconceitos de Gênero. Seleccionamos alguns comentários que exemplificam o que está enquadrado em cada agrupamento de sentidos – destacando que todos eles estão interseccionalizados, principalmente tendo em vista que alguns sentidos funcionam como propulsores de semioses que estão além da notícia.

Na constelação feminismo/gênero, diferentes feminismos entram em diálogo trazendo aspectos relacionados ao gênero nos comentários – é sinalizada, assim, a pluralidade do movimento e a maneira como os movimentos sociais são constituídos por conflitos internos. Aparecem posicionamentos que defendem o feminismo como uma ideologia que pode pertencer a qualquer pessoa independentemente do sexo/gênero, destacando que a imposição de performances que geram machismos aos homens e a ruptura desse processo também é uma pauta feminista, outros que destacam que essa luta é exclusivamente das mulheres, sejam elas cis ou trans, diálogos que deixam a entender que a vertente radical que lê mulheres trans como homens é o melhor caminho feminista.

Na constelação nomeada como disputas conversacionais, aparecem diálogos que estão direcionados a pessoas específicas e que a partir de diferentes recursos de linguagem buscam afirmar os seus posicionamentos. “Omi chato do caralho”, “esquerdomacho”, “besteira”, comentários irônicos como “ata”, “vc tá nervosinha a toa”, são trazidos para disputas que extrapolam o campo do gênero e acabam fechados ao diálogo proposto pelo texto ou pelos feminismos, na medida em que são ofensivas pessoais que se estendem sem trazer sentidos além de uma disputa conversacional. Emergem em respostas a comentários contabilizados pelo site ou pelo Facebook.

Em elogios/ críticas, aparecem alguns agradecimentos a autora pelo artigo, seja a partir de textos ou *emoticons* como um coração. Em contrapartida, pessoas apontam a matéria como uma distorção do feminismo radical, destacam que a Mídia Ninja não dará espaço às mulheres (da vertente radical) e que elas devem buscar as suas próprias maneiras de serem visibilizadas. Algumas críticas atacam diretamente a autora, trazendo narrativas que a apontam como uma farsante que quer pintar o feminismo radical como um movimento de ódio e que isso é um motivo para se decepcionar com a Mídia Ninja.

Nas outras constelações já apresentadas, alguns elogios são direcionados a comentários e, por isso, trazemos eles para essa constelação de sentido, como, por exemplo, um coração que é publicado em resposta ao comentário da própria autora, que abre as conversações no Facebook a partir da publicação de um trecho do texto como comentário.

Em preconceitos de gênero, aparecem ofensas e ataques que são motivados por questões relacionadas às mulheres cisgêneras ou LGBTQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e *Queers*). Homens trans, por exemplo, são chamados de “homem-mulher”, feministas são apontadas como pessoas que “defecam pela boca”, reitera-se uma noção de que só existem macho e fêmea e que um tem pênis e o outro vagina – comentário feito por um homem preconceituoso, mas que se aproxima de alguns sentidos do feminismo radical que estão integrados na constelação feminismo/gênero, comentários que apontam a homofobia como um problema que não se relaciona ao feminismo, já que são homens que matam homens, ofensas que associam feminismo à “viadagem”, utilizada como carga pejorativa, e “retardismo”, além de fechamentos em relação as masculinidades que não possibilitam saídas culturais em relação ao machismo na sociedade.

Monique Prada é prostituta e ativista pelos profissionais do sexo. Aborda a necessidade de regulamentação da profissão, acionando pontos importantes do texto do PL Gabriela Leite⁸, fortemente atacado por feministas radicais, e relacionados à exploração e à comercialização de serviços sexuais. Na coluna *Quem são as mulheres que podem ser rifadas*⁹ discute a ação de uma turma de formandos de uma faculdade de Maceió que organizou uma rifa para ajudar a cobrir os custos da sua festa de formatura, cujo prêmio era uma “noite de prazer com uma acompanhante”. A publicação que o Mídia Ninja realizou no Facebook¹⁰ com a coluna de Monique teve 331 curtidas, 44 compartilhamentos e 56 comentários (que acionam 107 respostas, gerando um total de 163 comentários), de acordo com a coleta de dados do dia 17 de abril. No site do coletivo nenhum comentário foi feito. Assim, a partir de uma análise dos comentários no Facebook, identificamos cinco seguintes constelações de sentido:

⁸ Projeto de Lei de autoria do Deputado Jean Wyllys, de 2012, que regulamenta a atividade de profissionais do sexo. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012829 Acesso: 25/05/2017.

⁹ Fonte: <http://midianinja.org/moniqueprada/quem-sao-as-mulheres-que-podem-ser-rifadas/> Acesso: 24/05/17

¹⁰ Fonte: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/865484153609731> Acesso: 24/05/17

Feminismos/Gênero; Disputas Conversacionais; Elogios/Críticas; Preconceitos de Gênero; Regulamentação da Prostituição.

Na constelação Feminismo/Gênero, foram classificados comentários que debatem não apenas o feminismo mas também outras questões de gênero. Os conflitos internos do feminismo são acionados, principalmente o embate sobre a legitimidade do papel do ator que discute o movimento: homem pode falar sobre feminismo? Homens e mulheres travam disputas verbais sobre quem pode e quem não pode performar no diálogo interno do movimento; homens saem em defesa de mulheres que argumentam que não precisam ser defendidas, pois não se entendem vítimas, enquanto outras reconhecem no papel do homem que busca entrar no debate uma figura ativa. Questões sobre normas, leis, regras e diretrizes do movimentos, tidas como mais ou menos radicais por homens e mulheres, cis e trans sendo colocadas em julgamento a partir da questão tratada por Monique na coluna diante da situação da rifa, no sentido de que dado o caso em questão o discurso do movimento seria apropriado e reapropriado por conveniência pelas mulheres.

Em disputas conversacionais há uma troca de ditos verbais entre os participantes que mescla ofensas, estados de espírito, acusações, adjetivações que extrapolam o campo do gênero e que pouco contribuem para a discussão proposta pela autora da coluna com as questões levantadas ao longo do texto. São comentários curtos, que trazem hashtags como #esquerdomacho, suposições como “você não entendeu nada mesmo”; “ah tá, tu nem é de esquerda. Então tu está coerente, é um todo ruim”, entre outros.

Elogios/críticas configura uma constelação de sentido que varia entre elogios ao texto escrito por Monique, como “excelente texto, obrigado por compartilhar seus pensamentos”; e à sua figura como prostituta e ativista pelos profissionais do sexo e também ao Mídia Ninja como coletivo, por trazer à questão para o debate e, por outro lado, críticas ao assunto da coluna e ao coletivo. Nesse sentido a discussão acontece sobre o posicionamento do coletivo na defesa da regulamentação da prostituição com relação à transparência de seu posicionamento político, como “mas não é a esquerda que quer legalizar e regulamentar a prostituição” e “esquerda liberal nem é esquerda” e “mas, não são vocês que apoiam à prostituição?”, entre outros mais pontuais como “Mídia Ninja, vcs deveriam protestar contra as putas nas esquinas... essas mulheres não foram exploradas sexualmente... foi tudo consentido... a força n foi...”.

Preconceitos de gênero aciona diálogos em grande parte desencadeados por homens que acusam e/ou questionam as mulheres de fazerem o que querem com seus corpos mas não quererem ser tomadas como mercadorias. Por outro lado, mulheres explicam que o caso explorado por Monique na coluna configura exploração sexual. Outras mulheres, nessa constelação, julgam prostitutas por praticarem o que consideram crime e, assim, discutem a situação dessas profissionais do sexo, sem colocar no debate a escolha dessas mulheres, o papel que as mesmas assumem diante de possíveis dificuldades econômicas. Outras mulheres defendem as prostitutas, em função dos problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil, o que as levaria a se prostituir para sobreviver e sustentar as famílias. Esses comentários geralmente apoiam o texto da coluna, endossando a opinião de que nenhuma mulher deve ser rifada. Há também no entremeados dos comentários dessa constelação preconceitos de gênero, sejam eles relacionados a mulheres cisgêneras ou LGBTQs.

Em Regulamentação da Prostituição os sentidos que emergem nos comentários giram em torno de conversações que divergem sobre a decisão da mulher de se prostituir, mas que desviam da constelação anterior ao desbravarem a lógica da exploração sobre o proletariado, alguns atribuindo a culpa da prostituição à burguesia, ao capitalismo, enquanto outros debatem sobre questões jurídicas, levantando o ponto de que não se pode lucrar através da oferta de serviços sexuais prestados por outrem. Aqui aparecem comentários que buscam esclarecer perguntas feitas por pessoas que não entenderam o funcionamento da rifa montada pelos formandos de Maceió, o que revela um desvio no debate sobre questões relacionadas ao feminismo e outras questões de gênero. A discussão se atém a aspectos jurídicos e relacionados com a legislação, ainda precária, no tocante aos profissionais do sexo, mas há uma mobilização por parte de um grupo de pessoas que tentam explicar como o esquema montado pelos formandos configuraria crime de exploração sexual.

As constelações não são estanques, o que significa que dentro de um comentário as respostas podem se encaixar em outra constelação, como é o caso de um comentário que inicia discutindo a regulamentação da prostituição e desemboca em respostas que apesar de configurarem sentidos que poderiam ser compreendidos como parte desta constelação também poderiam ser enquadrados como Preconceitos de Gênero, quando versam sobre o papel da prostituta que escolhe ou não atuar como profissional do sexo;

ou então na constelação Feminismo/Gênero, quando há uma disputa entre atores sociais na conversa sobre quem pode debater acerca da coluna naquele momento.

A coluna de estreia do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), o único parlamentar assumidamente gay no Congresso Nacional, tratou da prisão do jovem Rafael Braga, a única pessoa a ser condenada que efetivamente cumpriu pena em regime fechado por sua participação nas manifestações de 2013. Com o título *O ícone de uma Justiça injusta e racista*¹¹, Jean perpassa vários pontos que, interseccionalizados, denotam um caráter altamente racista e classista no ato da prisão do jovem e sua posterior condenação. O texto foi postado no dia 24 de abril, simultaneamente na página da Mídia Ninja no Facebook e no novo site, criado para hospedar as colunas. No Facebook, havia, até o dia 27 de abril, 36 comentários diretos e, somados às respostas dadas a eles – o que estabeleceu um processo conversacional –, um total de 67 comentários. Já no site, eram sete comentários na mesma data e 12 acionados pelas respostas a eles, totalizando 19.

Praticamente metade dos comentários no post do Facebook focaram em desqualificar os argumentos de Jean a favor de Rafael Braga. Essas interações defendem que só são presas pessoas que “mataram, roubaram, estupraram, traficaram, etc.”, excluindo-se, portanto, quaisquer fatores que possam influenciar na posição ocupada por um jovem, como no caso, na sociedade. Ao que o texto se refere, também, sobre jovens, negros e periféricos serem “público-alvo preferencial” do sistema penal brasileiro, também identificamos comentários como “o público-alvo do sistema penal são os bandidos e ponto”. Esses comentários estão dispostos na constelação gênero/raça, que é permeada por discussões acerca do fato da prisão e da condenação terem ocorrido muito pelo fato de Rafael ser negro. Em gênero/raça, cabe mencionar a questão da interseccionalidade, quando diferentes fatores, de minoria política, incidem sobre um mesmo corpo e denominam qual lugar ele ocupará na sociedade. As discussões que podem ser percebidas nesta constelação, em sua maioria, podem também se encaixar nas disputas conversacionais, pois boa parte dos comentários sobre gênero e raça mencionaram discussões.

O comentário mais comum foi, de fato, o que defende uma certa igualdade social e que as polícias apenas prendem quem infringir a lei, independentemente de fatores como raça e classe social. “... e so tu não cometer latrocínio, não roubar, não traficar...

¹¹ Disponível em <http://midianinja.org/jeanwyllys/o-icone-de-uma-justica-injusta-e-racista/> Acesso em 25 mai 2017.

que vc não vai pra la pohá”, defende um. Outro afirma que “parece que a polícia sai pegando negros nas ruas e prendendo só pela cor”. No meio disso, pessoas questionam se os autos do processo foram devidamente lidos por quem comentava, numa clara tentativa de desqualificar os comentários que entendiam que Rafael havia cometido crime e, por isso, havia sido condenado. Chama a atenção, neste caso, o alto número de comentários de pessoas brancas defendendo a não existência de racismo em ações policiais e, especificamente, no caso de Rafael Braga.

Os comentários estabelecem uma ligação de sentido entre si. Ao mesmo tempo em que, como exposto acima, alguns defendem que não há viés racista nas ações policiais e da justiça, outros dizem que “é mais fácil colocar a culpa na estatística do que lutar por si todos os dias como todo mundo faz” e culpam sua defesa “fraca e mal elaborada”. Como contraponto, principalmente nas disputas conversacionais, há os que questionam: “vc estava la quando ele foi preso sabe realmente se estava na boca de fumo? Sabe se o policial plantou a prova, coo diversas vezes ocorre? Vc acha que traficante vai ao protesto”. E, também, “O Rafael Braga não cometeu latrocínio, não roubou, não traficou e está na cadeia”. Este comentário teve 20 *likes*.

Outro número considerável de comentários critica o deputado Jean Wyllys e não propriamente seu texto, podendo caber na constelação de elogios/críticas. “Defensor de bandidos”, “Nossa esse é um bosta”, “Jean, o leitor astuto do Alcorão”, “Big Broder”, “O certo é jean willys destruidor de família”, “defesa pela boca” são alguns dos comentários que tentam deslegitimar o autor e não necessariamente a mensagem. Nas conversações a partir destes comentários há respostas contraditórias. “Jean, eu te apoio” e “Forç, Jean” aparecem como exceções à avalanche de comentários depreciativos à coluna e ao colunista. Quando quem escreve é tão pauta quanto o assunto abordado, é comum que a mensagem transmitida fique em segundo plano e os ataques se centrem na *persona*. Percebemos, no entanto, que no Facebook os ataques são mais acintosos que no site.

Considerações finais

No esforço de perceber o acionamento de sentidos em torno da carga opinativa gerada pelos colunistas da Rede Ninja de Opinião, tentamos avaliar se a narrativa das colunas gerou uma semiodiversidade (HENN, 2014) condizente com o ideal de democracia esperado pelo Mídia Ninja quando da escolha da web como espaço para

divulgação dos textos das colunas, através do site e da fanpage no Facebook. Nesse sentido, é interessante perceber o quanto o entremeamento entre mídia e sociedade se transforma diante do desenvolvimento das redes digitais. Coelho (2017) entende que se antes o atravessamento do campo das mídias nos outros campos da sociedade era crescente, “hoje podemos perceber que agentes antes distanciados da produção midiática se 'armam' com ferramentas típicas dos meios para fazerem circular suas mensagens na sociedade” (COELHO, 2017, P. 129). Os espaços que os coletivos ocupam nas redes oferecem tecnicamente a possibilidade de conversação e debate sobre as opiniões que o coletivo publica, estabelecendo novos fluxos informacionais que independem de processos jornalísticos estabelecidos pelo que entende-se aqui como mídia de massa. As estratégias de circulação adotadas inicialmente revelam um ideal de circulação que almeja visibilidade. Como menciona Coelho (2017, p. 129), ainda que não sobre coletivos, mas sobre outros atores de outros campos sociais que assumem lógicas próprias dos meios de massas, “esses campos fazem circular mais do que aquilo que lhes interessa. [...] Cientes da força construtiva do jornalismo, esses campos têm observado ativamente os produtos da mídia, muitas vezes, buscando um contraponto.”

A formação de uma rede de opinião através de um conjunto de colunistas que encarnam discursos oriundos de origens culturais, sociais, políticas e econômicas diversas, mas que convergem com os ideais do coletivo revelam objetivos de construção de um discurso que propõe um contraponto ao conteúdo veiculado na mídia de massa. No âmbito do que se convencionou denominar aqui como política das diferenças, nossa análise revela manifestações sobre os conflitos internos do feminismo, disputas que envolvem recursos de linguagem que muitas vezes extrapolam o campo do gênero, desbancando para ofensas pessoais e preconceituosas, reforçando estereótipos e discriminação de minorias. As discussões sobre o posicionamento político do coletivo, que ainda que seja declarado, são recorrentes. É importante destacar aqui que as colunas acionam a busca por informação que vai além do que é disponibilizado nos textos dos colunistas, como no caso da coluna de Monique Prada, que aciona um debate sobre a legislação sobre a regulamentação da prostituição. No caso da coluna do Jean Wyllys, ficou clara a personificação do debate, já que os ataques foram direcionados ao autor do texto, mais do que ao conteúdo da coluna.

Destacamos as potencialidades da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais em relação a compreensão de fenômenos semióticos que estão entrelaçados às

práticas jornalísticas na contemporaneidade. Nesse sentido, cada uma das matérias analisadas aciona uma territorialidade contextual, na qual semioses passam a ampliar o que foi proposto por uma determinada coluna, constituindo um cenário de intensas disputas e controvérsias que, com ressalvas que serão problematizadas no desdobramento do projeto, sinalizam semiodiversidades. Por fim, acreditamos que a metodologia pode contribuir para a compreensão das singularidades acionadas por coletivos midiáticos em trabalhos futuros.

Referências bibliográficas

- AQUINO BITTENCOURT, M.C.. **As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: midiaticização do ativismo, espalhamento e convergência**. Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui, v. 1, p. 325-343, 2015.
- AQUINO BITTENCOURT, M.C. (2017) **Convergência Midiática em Redes Digitais. Modelo de Análise para Pesquisas em Comunicação**. Editora Appris: Curitiba, 2017. *No Prelo.
- AQUINO BITTENCOURT, M.C.; GONZATTI, C. **Narrativas, técnicas e estratégias nas redes: uma análise das coberturas do G1 e do Mídia Ninja nos protestos de 13 e 31 de março de 2016**. Diálogos Interdisciplinares: Cultura, Comunicação e Diversidade no Contexto Contemporâneo. 2ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2017, v. 2, p. 638-651.
- BRAGA, J. L. Uma teoria tentativa. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 15, n. 3, set.-dez, 2012. Disponível: <http://goo.gl/dw1QOJ>
- CASTELLS, M. **Networks of Outrage and Hope – Social Movements in the Internet Age**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- COELHO, A. **Jornalismo, Sociedade e Crítica: potencialidades e transformações**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.
- FAUSTO NETO, A. **Fragmentos de uma análise da midiaticização**. Revista Matrizes, n. 2, abril, 2008. Disponível: <http://goo.gl/WnpTzB>
- GOHN, M. G. **Movimentos sociais e redes de mobilização cívica no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOHN, M.G. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- HENN, R. **El cibercontecimiento**, producción y semiosis. Barcelona: Editorial UOC, 2014.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2009.
- HENN, R.; OLIVEIRA, F. **Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica**; **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015.
- HJARVARD, S. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo : Editora Unisinos, 2014.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture**. New York University, 2013.
- LACERDA, J.S.; ANJOS, L.N.; BEZERRA, S.B.; DANTAS, S.M.M.; CASTANHA, S.A. **Lugares de interlocução na publicidade sobre prevenção das DST/AIDS: descentralizar vozes para uma cidadania comunicativa**. Mídia e Cotidiano: Niterói-RJ, v.5, n.5. Jul./Dez. 2014.
- LOTMAN, Y. **La semiosfera**. Madri: Catedra, 1996.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. IntelLex Corporation: EUA, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. Lua Nova [online]. 1997, n.39, pp.105-124.